

PRÁTICAS PROJETUAIS DIRECIONADAS A COMUNIDADES ARTESANAIS: PERSPECTIVAS DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Practices addressed to handicraft communities: perspectives of social participation

Almeida, Ana Julia Melo; Doutoranda em Design; Universidade de São Paulo,
ajuliamelo@usp.br¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a importância do papel social do design e a forma como ele se relaciona com produções artesanais tradicionais, situadas fora do espaço acadêmico. Pretende também explorar como a prática projetual direcionada ao contexto social e à sustentabilidade poderia repensar e equilibrar essa relação, para que se torne mais participativa e integrada.

Palavras chave: Design social; design de moda para sustentabilidade; comunidades artesanais.

Abstract: This paper aims to analyze the importance of the design social role when it is related to productions outside the academic environment. It seeks also to explore how project practice, addressed to the social context and to sustainability, could rethink and balance this relationship, with the purpose to become more participatory.

Keywords: Social design; fashion design for sustainability; handicraft communities.

Introdução

Este artigo tem como intuito contextualizar a relação entre o design e o artesanato no Brasil, analisar a importância do papel social do design e a maneira como o campo se relaciona com produções artesanais tradicionais, situadas fora do espaço acadêmico e do mercado convencional de atuação do designer. O artesanato tradicional no Brasil está associado a uma produção familiar ou comunitária, em que os conhecimentos e técnicas são transmitidos de geração a geração por meio da tradição oral, carregada de significados culturais daquele lugar (MDIC, 2012). Os produtos artesanais são manifestações culturais fortemente relacionadas com o território e a comunidade que os gerou (Krucken, 2009).

¹ É graduada em Design de Moda pela UFC e doutoranda em Design pela FAUUSP. É docente na Universidade Anhembí Morumbi. Pesquisa atualmente possíveis interações e contribuições entre o design e os fazeres populares brasileiros, com enfoque em artefatos têxteis.

O diálogo com o popular está presente desde o início da institucionalização do campo do design. Nas décadas de 1960 e 1970, destaca-se o pensamento da arquiteta Lina Bo Bardi e do designer Aloisio Magalhães; ambos tentaram compreender o papel do design e onde a prática se situa no âmbito da cultura popular, preocupando-se com uma postura mais comprometida com as condições da produção da cultura material no contexto nacional.

A aproximação entre o design e o artesanato levanta diversos questionamentos sobre a maneira como os diferentes agentes envolvidos atuam em tais projetos. É importante analisar essa relação em uma perspectiva mais ampla, investigando de que forma as políticas na área ainda são orientadas para um desempenho de mercado, deixando à margem aspectos sociais, culturais e históricos de comunidades tradicionais nacionais.

O presente trabalho é parte do projeto de doutorado desta pesquisadora, iniciado em março deste ano, que tem como objetivo investigar modos de atuação de designers em comunidades artesanais tradicionais que trabalham com artefatos têxteis e identificar ferramentas possíveis de atuação desses profissionais em tais contextos. Para isso, pretende-se mapear e identificar os diferentes agentes presentes nessas ações, de 1995 a 2015, período em que se nota uma grande aproximação desses campos.

Neste artigo, abordam-se práticas mais equilibradas e horizontais no contato entre designers e comunidades artesanais. Na primeira parte, busca-se situar o design em âmbito social, com uma breve revisão teórica sobre sua função social e como ela vem sendo discutida dentro do campo em que se encontra esta pesquisa. A segunda parte refere-se ao recorte temporal e ao enfoque do trabalho, que procura compor um retrato do período estudado e mapear as principais iniciativas desses anos. Na terceira e última parte, delinea-se o objeto desta reflexão, que discute práticas projetuais orientadas ao social e à sustentabilidade, e como as ferramentas do design poderiam propor relações mais participativas, considerando todos os agentes envolvidos.

1. O papel social do design

O papel do design na sociedade vem crescendo e adquirindo bastante relevância nos debates atuais. Discute-se como essa prática pode interagir com outras áreas do conhecimento e atuar no contexto contemporâneo em uma perspectiva social, propondo contribuições significativas à sociedade. Ao observar a história do significado do termo “design”, Bonsiepe (2011) problematiza a popularização dessa palavra e a associa a um fenômeno que acarretou uma concepção reducionista do seu papel, ao vincular essa prática à estilização dos produtos e distanciá-la da atividade projetual.

Apesar disso, Santos (2008) acredita que houve uma significativa mudança no papel do design na sociedade industrial do século vinte ao atual, que motivou o surgimento de novas maneiras de pensar o campo, entre elas abordagens que enfatizam a integração com outras áreas de conhecimento.

Pesquisadores da área têm destacado a importância de repensar a prática para além de uma visão orientada aos objetivos do mercado e evidenciar a função social como parte fundamental para o pensamento sobre o papel do design hoje. Essa reflexão amplia a forma como a atividade é compreendida e praticada, além de abrir novas possibilidades e responsabilidades para a atuação e pesquisa em design (Papanek, 1985; Whiteley, 1993; Margolin, 2004).

Na década de 1970, Papanek (1985) destacou a importância do design para as reais necessidades humanas e apresentou um panorama possível de atuação dentro de um contexto social. O autor percebeu o design como uma ferramenta inovadora e que pode ser direcionada, com enfoque ético, para as mudanças sociais.

Sob o ponto de vista de Ferrara (2002, p. 50), não é possível compreender o design sem observar o contexto econômico, social e cultural que o registra historicamente. É preciso considerar de maneira sistêmica tanto as transformações produtivas quanto as interações socioculturais, que se estabelecem por meio de outras relações sociais, construídas no decorrer desse processo.

Neste trabalho, abordaremos o design como uma atividade projetual inserida em um cenário cada vez mais complexo e dinâmico, em que se torna

necessário integrar diversos aspectos - culturais, sociais, ambientais, tecnológicos e econômicos - no âmbito do projeto. Vários autores (Fry, 2011; Bonsiepe, 2011; Mazé, 2013) apontam que ao se considerar uma dimensão mais social para o design, isso também desperta questões políticas acerca do tipo de sociedade que se pretende construir.

Para Fry (2011), a atuação do design hoje reflete o que será deixado para as gerações futuras. O autor argumenta que para o design responder às preocupações éticas, políticas, sociais e ecológicas atuais será fundamental um novo tipo de prática. Nesse sentido, o design tem papel decisivo na problematização de um futuro possível – a mudança de uma situação menos desejável para uma preferível.

Mazé (2013, p. 85) pontua que o design é capaz de abordar as problemáticas atuais, mas é preciso a postura de uma prática crítica e isso requer expandir e continuar a elaborar sobre as teorias, métodos e ética que são necessários como base para a pesquisa em design na área de sustentabilidade social. Para a pesquisadora, a sustentabilidade é inevitável e essencialmente uma questão de política.

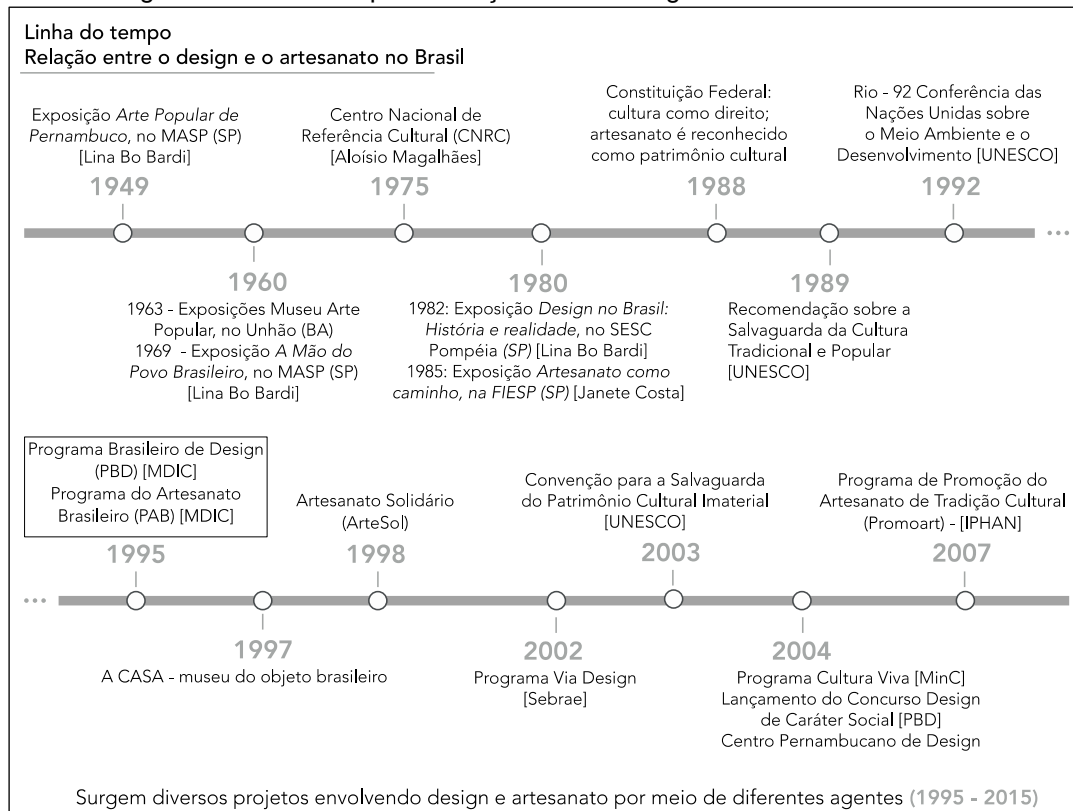
2. O design, o artesanato e as políticas públicas no Brasil

Ao buscar compreender em que momento a relação entre o design e o artesanato no Brasil se torna mais frequente, encontramos alguns marcos importantes nas últimas décadas em cada um dos campos, que sinalizam a construção de um contexto mais propício e que teria resultado nessa aproximação.

Foi em grande parte em razão das políticas públicas de incentivo que os projetos de design junto a grupos artesanais começaram a se intensificar. Há uma série de iniciativas de conceituação, fortalecimento e disponibilização de recursos, que são realizadas por diversos agentes situados em diferentes setores da sociedade, como ONGs, entidades governamentais, empresas e instituições acadêmicas. Esses projetos estão, na maioria das vezes, associados à finalidade de valorizar e preservar os saberes presentes nas atividades artesanais, além de gerar renda e promover uma melhor qualidade de vida aos artesãos. A linha do

tempo e a tabela, abaixo, evidenciam que essa relação vem de algumas décadas, mas se intensifica nos últimos anos:

Figura 1: Linha do tempo - A relação entre o design e o artesanato no Brasil.



Fonte: desenvolvido pela autora.

Em 1995, surgem dois programas coordenados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) que implementam ações para impulsionar e promover o design e o artesanato no Brasil: o Programa Brasileiro de Design (PBD) e o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) .

É importante mencionar que o artesanato transitou nas últimas décadas por diferentes ministérios. Na década de 1970, quando Aloísio Magalhães atuou no Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), o artesanato pertenceu ao Ministério da Educação; em 1985, o Ministério da Cultura foi separado do Ministério da Educação; em 1991 o PAB é criado, inicialmente, no Ministério da Ação Social e

em 1995 é transferido para o Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo, que passa a ser chamado logo depois Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. A partir dessas mudanças, pode-se avaliar o percurso percorrido e o enfoque dado ao artesanato em relação às políticas públicas de fomento.

O objetivo desse levantamento preliminar é compor um retrato do período com grande incidência de contato entre designers e comunidades artesanais. A partir do mapeamento desse cenário de aproximações, é possível discutir como essas iniciativas são estruturadas, investigar para onde essas práticas são direcionadas e com quais objetivos são feitas.

No caso da relação entre o design e o artesanato no Brasil, nota-se um forte estímulo por meio de programas de incentivo e políticas públicas. Há uma influência desse conjunto de planos e ações, que acaba por definir os conceitos de cada atividade (o que se define por design e o que se entende por artesanato) e direcionar de que forma essas práticas serão conduzidas e qual o resultado que se espera ter delas. Porém, esse processo, segundo Dias (2014), implica nos modos como cada um dos diversos agentes que são colocados em contato investem de significados suas relações, tanto entre si como com o produto ou ação propostos.

3. Design de moda para sustentabilidade: práticas projetuais e modos de participação com comunidades artesanais

A discussão em torno da sustentabilidade é cada vez mais frequente no campo do design de moda. Abordar a sustentabilidade e relacioná-la com a prática do design requer compreender contextos não convencionais, entender como as ferramentas de design e a própria atividade poderiam ser repensadas para atender a tais cenários, ampliando assim as formas de atuação dos designers na sociedade atual.

Cardoso (2013, p. 243) destaca as mudanças e as transformações que vêm ocorrendo nas últimas décadas em nossa sociedade e como elas impactam a forma de pensar e fazer design. O autor pontua que “a maior e mais importante contribuição que o design tem a fazer para equacionar os desafios do nosso mundo complexo é o pensamento sistêmico” e que poucas

áreas estão aptas a considerar os problemas de uma maneira tão integrada e comunicante.

A relação entre cultura, artefatos e a configuração da sociedade é evidenciada por Manzini (2008); o autor argumenta que o novo papel dos designers é o de atuar como facilitadores, capazes de construir um futuro sustentável, promovendo novas relações entre o usuário e o artefato que viabilizem novos modos de produção, socialmente úteis, visando à melhoria do contexto local e das interações sociais.

Ao falar sobre o significado do projeto no design, Escorel (2000, p. 75) destaca-o como uma atividade que define a essência de sua prática. Ela também ressalta a importância do contexto em que se pretende atuar no âmbito do projeto. Moraes (2010, p. 25) relaciona a atividade de design aos cenários cada vez mais complexos e cheios de inter-relações encontrados hoje. Para o autor, é fundamental identificar o cenário existente e/ou futuro; e mapear um contexto possível é tão relevante hoje quanto projetar o produto.

Em relação às comunidades artesanais que trabalham com artefatos têxteis, na maioria das vezes sua produção é destinada ao mercado de moda, o que torna a interação entre designers e artesãos ainda mais delicada. Fletcher e Grose (2011) afirmam que a interação entre o sistema de moda e as comunidades de artesãos requer uma relação cuidadosa entre as características inerentes do artesanato - como tradição e estrutura social - e as exigências usuais do mercado. Para as pesquisadoras, é preciso uma negociação cautelosa, transparente e duradoura.

O design de moda possui grandes desafios a serem superados, pois é necessário um design que mude de forma prática, indo além de um discurso. Nesse aspecto, percebemos que o raciocínio projetual é fundamental para a construção dessa relação, de maneira que o designer consiga refletir sobre os aspectos de sua atuação.

Montemezzo (2003) evidencia a elaboração do processo de desenvolvimento de produto em design de moda, analisando possíveis alterações na estruturação do pensamento relacionado ao processo de criação desses artefatos para integrar os princípios projetuais do design nos processos em moda.

Para Martins (2010), é necessária uma mudança e uma conscientização para que a sustentabilidade seja a variável central que irá redefinir as etapas dos processos envolvidos na produção dos artigos de moda.

Neste trabalho, as discussões foram conduzidas para refletir sobre o papel do design, de forma mais ampla, e do design de moda, de maneira mais específica, buscando compreender e investigar como este campo poderia contribuir com projetos voltados a comunidades artesanais com um pensamento projetual mais sistêmico e de enfoque social.

O desafio dessa relação para o campo do design é que o contato com o artesanato tradicional requer a compreensão não só dos fatores técnicos da produção, mas também das dimensões humanas e sociais que circundam esses artefatos. A apropriação do artesanato somente como mão de obra gera uma ruptura dessas habilidades e não cria condições de autonomia, pois o trabalho artesanal reúne saberes manuais e intelectuais. Para Sennett (2013a), este é um ponto central: ao separar cabeça e mãos, dividimos o trabalho não só intelectualmente, mas também socialmente.

Para Latour (2008, p. 3), o design é uma atividade que nunca começa do nada, é sempre um “redesign”, pois há uma questão ou um problema que existe antes e é a partir daí que são desenvolvidas elaborações e reelaborações coletivas. Nesse sentido, Sennett (2013b) destaca os rituais de cooperação e como neles está presente uma criatividade que não cessa, posta em movimento contínuo e que se estende a todos os participantes envolvidos.

A partir dessa perspectiva, além da atividade envolver habilidades para lidar com as questões sociais, culturais e econômicas que circundam a relação entre os atores humanos e não humanos, conforme escreve o autor (2008), surgem desafios novos quando o design é pensado por meio de um exercício coletivo de projeto: um deles é que, adotar uma abordagem de práticas participativas requer pensarmos que o exercício da criatividade estende-se a todas as pessoas – designers e não-designers.

Krucken (2009, p. 98) escreve que não existe uma única maneira para elaborar projetos de valorização de produtos locais. Porém, a partir da perspectiva do design, a autora elabora oito ações essenciais para promover

os produtos e territórios e construir uma relação transparente e duradoura de produtores e consumidores: reconhecer as qualidades do produto e do território; ativar as competências situadas no território; comunicar o produto e o território; proteger a identidade local e o patrimônio material e imaterial; apoiar a produção local; promover sistemas de produção e de consumo sustentáveis; desenvolver novos produtos e serviços que respeitem a vocação e valorizem o território; e consolidar redes no território.

Fuad-Luke (2009) destaca o papel social do designer nesse processo, que está em sua capacidade de ouvir outras pessoas e suas necessidades para explorar problemáticas e oportunidades de forma integradora. Essa abordagem aponta para uma grande mudança no que os designers devem considerar e da maneira como eles poderiam endereçar os problemas encontrados. Nesse sentido, o pensamento de design se deslocaria da estética da moda e dos aspectos comerciais para mapear as relações sociais e os atores envolvidos na produção de seus artefatos e projetar para novos cenários, relacionando o que existe e o que pode ser possível.

Não há como pensar o design e o artesanato sem relacioná-los aos contextos em que cada atividade é produzida. É preciso compreender a estrutura social de cada campo para questionar trocas mais horizontais. Este artigo buscou refletir sobre como o campo do design poderia dialogar com outros modos de fazer as coisas e de que forma a prática poderia elaborar espaços mais equilibrados, sintonizados com as reais preocupações das comunidades artesanais.

Referências

ALMEIDA, A. J. M. **Design e artesanato**: a experiência das bordadeiras de Passira com a moda nacional. Dissertação (Mestrado em Ciências) – EACH, Universidade de São Paulo, 2013.

BARDI, L. **Tempos de grossura**: o design no impasse. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1994.

BONSIEPE, G. **Design, cultura e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.

CARDOSO, R. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

DIAS, C. G. **Da “antropologia filosófica” ao “do-in antropológico”**: um estudo crítico da produção da ideia de políticas culturais no Brasil (1985-2013). Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

ESCOREL, A. L. **O efeito multiplicador do design**. São Paulo: Senac SP, 2000.

FERRARA, L. **Design em espaços**. São Paulo: Rosari, 2002.

FLETCHER, K; GROOSE, L. **Moda & sustentabilidade** - Design para a mudança. São Paulo: Editora Senac, 2011.

FRY, T. **Design as Politics**. Oxford: Berg Publishers, 2011.

FUAD-LUKE, A. **Design Activism: Beautiful Strangeness for a Sustainable World**. London: Earthscan, 2009.

KRUCKEN, L. **Design e território**: valorização de identidades e produtos locais. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

LATOURE, B. **A Cautious Prometheus? A Few Steps Toward a Philosophy of Design** (with Special Attention to Peter Sloterdijk), 2008. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/node/69>. Acesso em: 8 de Jun. de 2016.

MAGALHÃES, A. **E Triunfo?: a questão dos bens culturais no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira-Fundação Roberto Marinho, 1997.

MANZINI, E. Design para inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e redes projetuais. In: **Cadernos do Grupo de Altos Estudos**, Programa de Engenharia de Produção da Coppe/UFRJ, Rio de Janeiro, 2008, vol. 1.

MARGOLIN, V; MARGOLIN, S. Um “modelo social” de design: questões práticas e de pesquisa. In: **Revista Design em Foco**, 2004, v. 1, n.1, p.43-48.

MARTINS, S. B. “O paradoxo sustentável na moda: diretrizes para sustentabilidade em produtos de moda e vestuário”. In: **Moda em sintonia**: Caxias do Sul: Educs, 2010, p. 80-89.

MAZÉ, R. “Who is sustainable? Querying the politics of sustainable design practices”. In: löjel, M., Mazé, R., Olausson, L., Redström, J., and Zetterlund, C. (eds). **Share This Book: Critical perspectives and dialogues about design and sustainability**. Stockholm: Axl Books, 2013, p. 83-122.

MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2012). **Base Conceitual do Artesanato Brasileiro**. Programa do Artesanato Brasileiro. Brasília: Governo Federal.

MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2014). **Diagnóstico do Design Brasileiro**. Documento elaborado pela Agência de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) e Centro Brasil Design. Brasília, Governo Federal.

MONTEMEZZO, M. C. F. **Diretrizes metodológicas para o projeto de produtos de moda no âmbito acadêmico**. Dissertação (Mestrado em Desenho Industrial). Universidade Estadual Paulista, 2003.

MORAES, D. **Metaprojeto: o design do design**. São Paulo: Blucher, 2010.

PAPANEK, V. **Design for the real world: human ecology and social change**. Chicago: Academy Chicago, 1985.

SANTOS, M. C. L. "Consumo, descarte, catação e reciclagem: notas sobre design e multiculturalismo". In: **Caderno de Estudos Avançados em Design: multiculturalismo**, Belo Horizonte, 2008, v.1, nº 1, p. 60-67.

SENNETT, R. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2013a.

_____. **Together: the rituals, pleasures & politics of cooperation**. London: Penguin Books, 2013b.

WHITELEY, N. **Design for society**. London: Reation Books, 1993.